



## "PÁGINA LITERÁRIA": VIVÊNCIAS E DIÁLOGOS DA CURITIBANA LEONOR CASTELLANO NOS ARTIGOS PUBLICADOS EM 1924 NA GAZETA DO POVO.

Lorena Zomer <sup>1</sup>

“Página Literária”, este foi o título que encontrei no livro *Clotildes e Marias*, autoria de Maria Etelvina de Castro Trindade, cujo tema é sobre os novos lugares e profissões que as mulheres poderiam ocupar com as mudanças ocorridas na República Velha em Curitiba. De autoria da intelectual e feminista Leonor Castellano, nascida em Curitiba no ano de 1899, no entanto sua escrita perdurou até fins da década de 1960 na mesma cidade. Escreveu os dois em discussão num espaço de tempo de dois meses. Eles seriam em resposta a outros dois artigos, que foram escritos por Flávio Suplicy de Lacerda em algum meio literário da cidade (não foram encontrados). No decorrer dos dois artigos ela tentou convencê-lo de que sua oposição as manifestações do feminismo e muitos outros atos femininos seriam naturais e delas por direito:

Os homens, os homens, eles é que deveriam ser os anjos guiadores do lar, eles os possuidores de vozes dulçorosas, meigas, macias ao invés das barulhentas, tagarelas, e demais adjetivos nos mimoseado gratuitamente. No seu pessimismo negro e cego, ainda tem idéias de se transformar em chefe de polícia maluco para acabar com a afronta que o feminismo vem fazendo à moral da família Brasileira! Dá para embasbacar, porque inteligências tão lúcidas ainda não avaliaram, ainda não estudaram o fim colimado do feminismo? Outra cousa que o seu exaltado antagonismo não aprova. A intromissão da mulher em cursos superiores. Para que tanto saber? Pois a educação da mulher deve ser rudimentar, saber somar e está salva a Pátria<sup>2</sup>.

E ainda:

...a mulher, em qualquer fase da vida, deve se aprimorar em qualquer trabalho útil à sua subsistência, e assim, em ocasião oportuna demonstrar o seu alto descortino moral, e não será a crítica despeitada dos anti-feminista que a fará retrogradar no grande caminho já percorrido para a conquista de sua aspiração dignificante e honrada. Felizmente a mulher vai compreendendo, com lentidão embora, o quanto ela tem sido espezinhada em seus juntos direitos. Sim a mulher, num esforço grandioso e belo, procura a sua emancipação **intelectual e pecuniária**, ah! vem a grita dos rubros antifeministas, a chamá-la de ousada Porque? Dizem duas palavras, escrevem e... **Se sustentam, eis o grande crime!** De qualquer forma, não seremos jamais isentos de chistes e zombarias. Permanecendo em disponibilidade, ah! Que ironia de sorte somos as bonequinhas de salão, as senhoras nulidade, feitas somente para causar gracinhas no espírito de doutor... Almofadinhas...<sup>3</sup> (o grifo é meu)

<sup>1</sup> Mestranda em História Cultural pela UFSC pela linha Trabalho, Sociedade e Cultura, sob orientação do Prof. Dr. Henrique Espada Lima Filho. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> CASTELLANO, Leonor. *Página Literária*. Curitiba: Gazeta do Povo, 1924, numero 1489.

<sup>3</sup> Idem.



Este trecho demonstra como Castellano via a educação<sup>4</sup> da mulher como um direito natural às mulheres, que segundo ela, estavam começando a compreender que poderiam ser o que realmente almejavam, ao invés de ser o que a sociedade esperava:

...as senhoras nulidade, feitas somente para causar gracinhas no espírito do doutor...por toda a parte fazem apelo às mulheres, às moças de classes abastadas, às quases muitas vezes soffrem pela vida inutil. É lhes mostrada, além dos limites da família, a humanidade que espera um novo impulso para continuar a marchar com coragem para a frente<sup>5</sup>.

Tal citação faz lembrar uma observação de Trindade, em que os salões e serões foram abertos às mulheres no começo do século XX, porém a participação dessas seria em função de demonstrar, através de suas roupas, elementos que norteassem sua classe e posição social, mas principalmente como acompanhantes de seus maridos, irmãos ou família, ou seja... *enfim, os homens são notícia e as mulheres o ornamento, o “enfeite” do baile*<sup>6</sup>, assim como, nos serões de arte são a inspiração ou as “armadoras”.

Devido a essas análises da posição da mulher nesses recintos públicos, o lugar que restava às mulheres como reduto em que suas ideias poderiam reinar “absolutamente” seriam os grêmios e associações. Outro ponto importante é a requisição que Castellano faz ao direito de entrar nas Universidades, e não apenas restringir o campo de possibilidades para as mulheres a um ensino rudimentar e de horas para que lhe sobrasse tempo de dedicação ao marido e filhos. Além disso, Castellano afirma que homens como ele (Flávio Lacerda) não querem as mulheres no Ensino Superior pelo medo de elas se sobressaírem mais aos homens, como alguns casos dos Estados Unidos (que não cita). A afirmação quanto ao direito do Ensino Superior de Castellano pode ser compreendida, diante do fato de que em Curitiba no ano de 1925, a pesquisadora Ana Maria Ganz<sup>7</sup> identifica que além de floristas, leiteiras, parteiras, garçonetes, manicures, também já havia mulheres formadas em Medicina, Direito, Engenharia e principalmente no Magistério.

Ainda, na segunda citação, lembra que as mulheres devem aceitar qualquer oportunidade, por mais que não seja o ideal, mas porque em algum momento, terão realmente a chance de conquistar seu espaço. Transgredir as regras e limites estipulados para propagar os primeiros ideais.

---

<sup>4</sup> Acredito que Castellano não está subestimando o conceito de educação. A questão é que desde o século XIX muitas mulheres já haviam conseguido chegar ao magistério, para justamente requisitar em primeira instância, o direito de estudar. Tema amplamente trabalhado no livro HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940* – Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

<sup>5</sup> CASTELLANO, Leonor. *O Feminismo* (p/ o sr. Flávio S. Lacerda). Curitiba: Gazeta do Povo, n. 1472 mês 1 1924.

<sup>6</sup> TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República* – Curitiba: Fundação Cultural, 1996, p.243-266.

<sup>7</sup> GANZ, Ana Maria. Vivências e falas: trabalho feminino em Curitiba, 1925-1945 In: TRINDADE, Etelvina M. de Castro, MARTINS, Ana Paula Vosne. *Mulheres na História: Paraná – Séculos 19 e 20* – Curitiba: UFPR, 1997, p.96.



Quero dar ênfase ao nome de Bertha Lutz. Esta uma das principais responsáveis pela campanha sufragista feminina no Brasil e apontada dessa forma:

Já o movimento feminista, desembarcado no Brasil na bagagem de estudante da líder Bertha Lutz, aporta em Curitiba na virada do século e desperta uma acirrada polemica entre grupos antagônicos claramente delineados. Homens e mulheres filiam-se, de forma apaixonada, a favor ou contra seu ideário, envolvendo nomes conhecidos na cidade...<sup>8</sup>

Bertha Maria Júlia Lutz foi educada no Brasil, porém em 1918 concluiu seus estudos em Licenciatura em Ciências na Sorbonne, e posteriormente formou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Ainda no ano de 1918 passou a redigir semanalmente uma revista em sua casa, em que convocava as mulheres brasileiras a compor uma “Liga de Mulheres Brasileiras”<sup>9</sup> para que tivessem a mesma atuação que as mulheres norte-americanas e européias vinham cometendo, a fim não de fazer arruaças, mas sim, de conquistar lugares políticos para que fossem úteis ao “Progresso” e Castellano sabia muitos dos atos feministas acontecidos no seu tempo. Como fica claro na seguinte passagem:

Não sou partidária dos votos, porque não trocaria a minha pacífica vida ao melhor assento de uma cadeira no congresso, entretanto, penso com nobre escritora francesa em dizer que "si a mulher pode ser julgada e subir num patíbulo, da mesma forma ela pode ser eleitora para votar e juiz para julgar e condenar". Isto de V. S. achar palhaçada; fazer rir aos equilibrados os atos das mulheres; de se publicar nomes de inglesas; de se fazer reuniões que até um surdo de nascença ouviria o barulho, é... Perdoe-me o termo, rematada estultice. Como se supor em qualquer assunto caloroso não se expenderem opiniões e exemplos? Aonde buscar senão em modelos frisantes e persuasivos o estímulo às sciencias, às letras, às artes, etc.<sup>10</sup>

Nesse trecho Castellano se refere à Olympes de Gouges<sup>11</sup> (1748-1793). Esta mulher ao perceber que a Declaração dos Direitos do Homem promulgada durante a Revolução Francesa, não levava ou incluía a mulher em tais requisitos, por isso propôs uma Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, que seria um complemento às limitações da declaração anterior, cuja redação foi dela mesma. Ainda, Castellano afirma:

V S. achou graciosa a parte de me fazer convivente dos tais que dizem "Façam o que digo mas não façam o que eu faço", com respeito ao voto feminino. Quem sabe a carapuça não lhe serve, hein? Vamos fazer, na maior calma possível; um retrospecto do movimento político e eleitoral de um país e assim conviremos que existem adeptos e militantes de facções política e adversas. Quem sabe si conseguirei ser eleita juiz do Supremo Tribunal do Paraná. Allen (E. Unidos) ou chefe da secção de investigações na repartição de policia (derrotaria o sr. Antonio Francisco), como Mrs Mina Von Winkle... Ou ainda (tudo é possível) V. S. cabalará votos a esta sua conterrânea, muito embora atinja a idade de 87 anos, como a veneravel Mrs Winifeld. Felton, para tomar assento numa cadeira do Senado representando a Lapa (tomada capital do Estado) legendaria e heróico? Nada

<sup>8</sup> TRINDADE. TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República* – Curitiba: Fundação Cultural, 1996, p.110.

<sup>9</sup> HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940* – Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p.273-294.

<sup>10</sup> CASTELLANO. op.cit.1924, 1489.

<sup>11</sup> GOLDENBERG, Miriam; TOSCANO, M. *A revolução das mulheres*. Rio de Janeiro: Revan, 1992, p.18.



adiantei como V. S. diz, em dizer que os surdos se restabeleceriam, pois deseja mais clara prova do que a sua preleção sobre o caso? Não é então se guarnecer, um surdo de nascença ouvir? Será matéria, penso que não... V. S. compreendeu mal as minhas desenxabidas defesas do Feminismo, porque achou até o espírito da guerra insuflado sorratamente nas minhas desprotegidas linhas. **O fim primordial do Feminismo não é apregoar a guerra, o ódio, a risania. É uma manifestação contra os desarranjos e as barafundas sociais; é pugnar contra os poderes da destruição e ruína; e lutar em favor da crença, da raça, da família.** Em Washington as mulheres, amparadas nos direitos públicos, demitiram o prefeito de Leatle, por tolerar abertas as casas de tavolagem e de má fama. Em França formaram três instituições; as enfermeiras visitantes, as super intendentas das usinas, as secretarias dos lares operários.<sup>12</sup> (o grifo é meu)

Muitos são os caminhos e oportunidades que Castellano demonstrou no início dessa citação. Apesar de não encontrar informações contundentes em relação aos acontecimentos nos Estados Unidos, sabemos que o movimento feminista era muito mais antigo ao brasileiro, e o que Castellano quer demonstrar ao Sr. Lacerda são exemplos em que mulheres se sobressaíram em contestação a episódios da sociedade em que participavam. Leonor Castellano deveria ler pelos periódicos ou mesmo revistas que circulavam na capital com reportagens acerca dos ocorridos<sup>13</sup>, e tentou fazer um retrospecto dos fatos, para afirmar que a intenção do “seu” feminismo era lutar por uma boa moral na sociedade, em nome da família. Como é o caso em que ela refere-se a “casas de tavolagem e má fama”, algo peculiar de feministas de primeira onda que defendiam a honra que achavam que as mulheres deveriam ter, e não a liberdade de ser o que quisessem sem levar em conta os preceitos morais.

A última parte do artigo Castellano remete-se a acontecimentos peculiares da França, que ao ver podem ser entendidos como a forma que as mulheres, num tempo em que não possuíam direitos civis, ou mesmo de votar ou participar de qualquer forma da política, viram numa lei de 1901<sup>14</sup>, a alternativa que necessitavam. Tal seria sobre a liberdade de participar ativamente da sociedade, através das Associações. Estas reuniam pessoas com objetivos comuns. No entanto vejo essa possibilidade como uma brecha encontrada por algumas representantes do sexo feminino, visto que nem em sindicatos poderiam participar, mesmo que muitos dessas associações funcionassem muitas vezes como sindicatos<sup>15</sup>. Essas entidades costumavam ser ligadas ou à igrejas ou ao próprio Estado, e ainda, como eram filantrópicas, e para qualquer objetivo que fossem suas ações direcionadas, precisavam de constantes doações da sociedades.

<sup>12</sup> CASTELLANO. op.cit., 1924, 1472.

<sup>13</sup> Na própria *Página Literária* encontrei diversas reportagens sobre o feminismo, em meio a outras sobre casamentos e poemas.

<sup>14</sup> Lei de 01 de julho de 1901 em que as mulheres são autorizadas em reunir-se através de associações em prol de colaborar com a sociedade. Informa em DIEBOLT, Évelyne. História do trabalho social: nascimento e expansão do setor associativo sanitário e social (França: 1901–2001). In.: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: 2005, v.13, número 2, p. 305-340.

<sup>15</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p.155-166.



Nesse contexto, os pressupostos do positivismo que são visto juntos de ideologias do nascente feminismo na própria fala de Castellano não é algo anormal, ou não esperado de uma cidadã consciente das notícias e acontecimentos não só do mundo, mas da própria cidade. Posso fazer tal afirmação baseada em que se o feminismo de Castellano na década de 1920 é aquele sufragista, que buscava o Ensino Superior, obras assistenciais, a independência financeira, ao mesmo tempo em que ainda prioriza na sua fala, os cuidados com a família que as mulheres deveriam demonstrar, é porque Curitiba desde fins do século XX presenciava certa disputa entre várias ideologias, e entre elas o positivismo. Este era visto como uma forma de organizar uma nova sociedade para um novo sistema de governo, junto ao nascente feminismo em Curitiba.

É importante lembrar que tal movimento era formado por advogadas, médicas, professoras, enfermeiras, bancárias, enfim, mulheres que trabalhavam nos setores públicos e particulares, porém de classe média e alta. Esse sentimento de conquista foi aguçado pelo incentivo a industrialização promovida pela própria República. Como consequência o país cresceu economicamente, o que acarretava mudanças sociais e culturais. Justamente por este motivo, o positivismo que não incentivava a profissionalização das mulheres (principalmente aquelas pertencentes a classes socioeconômicas menos abastadas), acabou não tendo tanta influência como o próprio liberalismo do começo do século XX. Vale lembrar uma fala de Pamphilo d'Assunção, esposo de Pompília Lopes e amigo de Castellano até o fim de sua vida:

E, sem duvida, após os grandes acontecimentos que vieram transformar a ordem geral dos povos, nos quais a mulher substitui o homem, com maior eficácia, nos trabalhos mais rudes e necessários a vitória das armas de direito, os homens abandonando esse egoísmo que não lhes permite dividir com a sua eterna companheira os frutos da vitória na ordem jurídica, acabara por consentir que a maioria da espécie goze dos direitos que eles usurpam...<sup>16</sup>

Castellano apropriou-se do que lhe interessava. A independência pecuniária, a liberdade de escrever o que pensava (mesmo que sob pseudônimo) em relação às mulheres, aos homens, a política e a sociedade. Mostrou-se uma mulher ativa, participante do ambiente em que estava. Castellano teve contato com um feminismo paranaense, com as possibilidades que as escolas laicas e confessionais ofereciam, ou seja, aproveitou as oportunidades que ecoavam nos ares de Curitiba, mesmo que ainda incumbisse a mulher algo tradicional e o que a sociedade exigia. No entanto, com ressalvas, Castellano não era uma mulher casada, não teve filhos, e ainda, propagava ideais quanto ao voto e participação efetiva na política inclusive em lugares que pertenciam a homens de grandes nomes.

---

<sup>16</sup> TRINDADE, Etelvina M. de Castro. op.cit, 1997, apud. Diário da Tarde. *Os direitos da mulher*. Curitiba, 25/06/1919.



Muitas ideias como do último parágrafo ainda são citados por Castellano, como ocorre no início do primeiro artigo<sup>17</sup>. Neste, a curitibana afirmou a Flávio Lacerda que não achou graça do pretensão humorismo que ele havia feito, por isso dava-se o trabalho de lembrar que se uma nação dependeria do valor moral que a mulher perpassaria ao povo, era preciso então questionar por que o Governo estava nas mãos apenas de homens, da mesma forma, como já citado, no segundo artigo em que questiona as manifestações de algumas mulheres nos Estados Unidos, ou mesmo, da possibilidade de Castellano ocupar um lugar considerado “masculino”. Em continuação às primeiras linhas ainda citou a Primeira Guerra Mundial, que havia causado grandes traumas e catástrofes “sanguinolentas”, e que, segundo ela seria a conseqüência da cegueira de déspotas no Governo. Dessa forma, Castellano, apontou que os exemplos seguidos pelas mulheres, não seriam de homens, mas do próprio feminismo, que, segundo ela, por sua vez seriam mais civilizados e de maior alcance intelectual e moral para a sociedade almejada por todos.

Em seguida pergunta qual seria o exemplo que pudesse ser citado da incapacidade da mulher, caso elas tivessem o direito que Castellano, alega que têm. Para Castellano, Flávio Lacerda estava sendo preconceituoso em refutar idéias de feministas, sem ao menos dar uma chance para a pretensa igualdade, ou incentivar as leis que oferecessem mais igualdade a todos. Desse modo o feminismo pretendido por Castellano tinha objetivos contrários aquele (provavelmente citado por Lacerda) conhecido por movimento de arruaças e de badernas. Encerra seu segundo artigo alegando que sabia a Economia Doméstica destinada às mulheres como lembrou seu opositor em idéias, *V. S. ainda cita a Economia domestica, mas não as regras para segui-la. Para que martelar tanto a cabeça, ainda mais agora que o País está com a missão financeira Britânica?* Vejo uma grande ironia quando além de chamá-lo de ranzinza, lembra de uma visita importante de representantes da Inglaterra no país, em substituição a assuntos como estavam debatendo. E assim termina:

Quem vos escreve, não tem titulo algum à recomendá-lo; **não pertence nenhum grêmio, grupo ou associação; não sabe senão rabiscar toscamente algumas linhas**; não tem capacidade literária para travar uma polemico à altura de sua privilegiada cultura; não possui os invejáveis dotes de espírito tão bem, cultivados para pretender transcrever na sympathica folha que é a Gazeta as minhas palavras; não me occupo somente em amontoar folhas de papel e amolar a paciência do próximo com minhas sensaboronas replicas. **Trabalho, caro Sr. E honradamente, mourejo em diversos misteres, sei somar, sei Economia Domestica e... Sou feminista.** Não desejo me masculinizar porque compreendo a mulher tão apta como o homem, e só reclamo o que de justiça nos pertence. É o suficiente para uma defesa? Para que o meu nome?(o grifo é meu)

Após essa declaração de Castellano, posso concluir que seus artigos demonstram muito do que seriam os ares curitibanos dos anos 1920. Grupos antagônicos quanto ao feminismo, cujos

<sup>17</sup> Página literária mês 1 numero 1472, volume 0, ano 1924.



opositores para deteriorar a imagem do movimento o descreviam como algo que tinha por intenção arruaças e principalmente, destruir os bons modos “femininos” da sociedade. Enquanto outros grupos, como de Castellano, num misto de ideias originárias do positivismo que permitia a intelectualidade às mulheres, ou mesmo, da Igreja Católica<sup>18</sup> e alguns homens que apoiavam as novas profissões e sufrágio, porque não atrapalharia o bom andamento da sociedade e do papel das mulheres como mãe. Minha análise quanto a esse embate é que ambos pretendem, diante do campo social ao qual fazem parte, instaurar<sup>19</sup> uma verdade, através de seus lugares estratégicos de luta, quanto a realidade que deve ser vivida, ou seja, são conceitos<sup>20</sup> ou “insultos” que se tornam categorias para propagar veridictos e acontecimentos que reforçassem a ideia de um bom ao mal feminismo.

Vejo que Castellano corresponde muito do que seu tempo permitiu e falou sobre a mulher, ou seja, ela aderiu muito dos discursos que vivenciou, mas noto particularidades em sua vida. Isso ocorre porque Castellano apoderou-se de uma cultura que lhe foi oferecida, com um limite estipulado. Dessa forma acredito que Castellano estava inserida num *habitus*<sup>21</sup> clivado, isto é, ela poderia ter liberdade para desenvolver algumas atividades, mas com restrições, o que me parece uma liberdade ainda “deficiente”.

### *Referências*

- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2010.
- FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina (org.). *Usos & abusos da História Oral* – Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940* – Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*. São Paulo: Editora UNESP, 2005c, vol. 24 (1), p. 77-98.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história* – Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

---

<sup>18</sup> Idem, p.322.

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.164.

<sup>20</sup> BOURDIEU. Op.cit, 2010, p.292 e 293.

<sup>21</sup> Idem, p.69.



SOIHET, Rachel.& PEDRO, Joana M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: *Revista Brasileira de História* – São Paulo: 54, v.27, 2007, p.282-300.

SOIHET, Rachel. Mulheres e Biografia. Significados para a História In.: *LOCUS: revista de História* – Juiz de Fora: EDUFJF, 2003.v.9, n.1.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República* – Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

TRINDADE, Etelvina M. de Castro; MARTINS, Ana P. Vosne (org.). *Mulheres na História: Paraná – Séculos 19 e 20* – Curitiba: ED. UFPR, 1997.